

A IDENTIDADE E IDEOLOGIA NO CASO MONEY/ REIMER

Alex Barroso de Figueiredo

(Graduando em Letras, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO)

Resumo: No presente artigo, farei um breve estudo do caso MONEY/REIMER¹, na tentativa de compreender como uma identificação biológica do sujeito lhe é imposta e naturalizada através de discursos que são repetidos ao longo de uma vida, e como estes se originam a partir de ideologias que buscam normatizar corpos.

Palavras-Chave: Gênero; identidade; ideologia

O caso Money/Reimer

Em 1966, Bruce Reimer, então com sete meses de vida, passou por uma cirurgia de circuncisão na qual, devido a um problema no aparelho elétrico que fez a cirurgia, tem seu pênis cauterizado. Alguns meses depois seus pais, os Reimer, assistindo a um programa de entrevistas escutaram um psicólogo, o Dr. John Money, falar a respeito de sua clínica para pessoas que desejavam fazer cirurgias de mudança de sexo. Surpresa com a “naturalidade” de uma transexual presente no programa, a Sra. Reimer resolveu entrar em contato com Money, que respondeu imediatamente. A partir de então, o psicólogo convenceu o casal a fazer uma cirurgia de mudança de sexo em Bruce e os instruiu a futuramente jamais relatar o ocorrido à criança, que passou a se chamar Brenda Reimer.

À época, Money desenvolvia sua teoria a respeito da sexualidade e da construção social do gênero; argumentando que até os dois anos as crianças eram sexualmente neutras, ocorrendo após esse período, por meio da socialização, o processo de identificação de gênero. Para Money, a situação em que se encontrava o então Bruce era uma oportunidade para testar sua teoria: se por um lado o processo de socialização poderia “fazer” dele uma mulher, o mesmo processo

¹ Para relatar o caso, me baseei no documentário da BBC, *Horizon: Dr. Money and the boy* de 2004, bem como no artigo de Butler (2006).

poderia fazer de seu irmão gêmeo univitelino um homem, mostrando com isso que o gênero era determinado pela “forma como uma criança é criada” e não por seu sexo biológico, indo contra as teorias que tomam o gênero como uma categoria essencial, i.e, biológica – perceberemos mais adiante que Money ainda se apoia na ideia de um sujeito biológico pré-existente para a determinação do gênero de Brenda. Money passou então a acompanhar o desenvolvimento de Brenda, manteve contato com ela algumas vezes por ano, quando lhe fazia entrevistas

Sempre na tentativa de corroborar seus argumentos, o psicólogo questionava Brenda a respeito de suas preferências por brinquedos, roupas, aparência e por meio de diferenciações e de aspectos superficiais relacionados à identidade de cada gênero, a instruía a se identificar com elementos que expressasse o que ele considerava feminino, para que a menina, futuramente, pudesse se identificar completamente com aquilo que ele considerava uma mulher. Com o passar dos anos, Brenda se mostrava mais relutante em aceitar as imposições feitas pelo médico; sua mãe já identificava nela certa relutância e relata que apesar de suas tentativas de ensiná-la a ser “feminina”, achava evidente sua “masculinidade”. Com 13 anos, o psicólogo propôs a Brenda uma cirurgia que, segundo ele, “a transformaria completamente em mulher” – posteriormente, algumas dessas sessões serão relatadas como traumáticas, chegando Money a forçá-la a ficar nua na frente de seu irmão e tendo lhe mostrado fotos de mulheres parindo. Decidida a jamais se consultar com Money novamente, a garota saiu do consultório e ameaçou se suicidar caso os pais lhe forcem novamente a manter contato com ele. Só então seus pais resolveram lhe contar sobre o acidente que sofrera ainda bebê e a respeito da decisão deles de procurar Money. Como resultado do relato, Brenda finalmente sentiu-se livre para se identificar com o gênero com o qual realmente se identificava e, desde este momento até sua morte, passou a se chamar David Reimer.

Processos de identificação e diferenciação

Em seu ensaio de 2013, Silva mostra como a identidade é “resultado de um processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2013, p.81). Decorre disto, o fato de ela estar inserida dentro de um sistema, a linguagem, que permite sua

produção por meio da relação com outros referentes; isto é, identidade e diferença, não podem ser pensadas como independentes, ao contrário, são interdependentes dentro deste sistema do qual fazem parte. Contudo, nada relaciona identidade diretamente à uma causa natural (ibid, p. 76), a um sujeito pré-existente, ela, como a linguagem, está inserida dentro de um contexto de relações sociais, culturais e históricas, sendo frutos destas e da forma como os discursos e suas repetições criam-nas. Resulta disto que identidade e diferença não podem ser compreendidas como rígidas, fixas e imutáveis – uma vez que o sistema em que se inserem não o é. Como processos oriundos de uma construção social e discursiva, elas estarão relacionadas à cultura, à história e aos discursos vigentes; mudam conforme a sociedade, a cultura, as instituições criam os sujeitos que visam representa-las; serão múltiplas – e não binárias – pois refletem a capacidade de englobar a complexidade das relações que não são permanentes. E, como observa Silva (ibid, p. 89), é na fronteira de uma estrutura pensada binariamente que percebemos de que modo uma suposta rigidez, atribuída à identidade, se dissolve em estereótipos. É nessa fronteira que se encontrou Brenda, e partindo desse limiar, poderíamos pensar diretamente como sua não-identificação se produzia tanto em seu discurso, quanto no de outras pessoas com quem conviveu.

Apesar de Money teorizar a respeito da construção social do gênero, sua visão deixava claro que as possibilidades de identificação estavam inseridas em um sistema binário: homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual. Portanto, Bruce, seguindo sua visão, só poderia ser menino ou menina. Com isso, seu intento acabou por fazer de Brenda apenas uma comprovação, e conseqüentemente um reforço dos binarismos sobre os quais sua teoria operava. Para ele, longe da noção de sexo biológico, uma menina, nas relações sociais em que se insere, aprende sobre as formas de manifestação de seu gênero através de roupas, maquiagem, brinquedos. Tal visão foi reforçada pelo psicólogo em cada entrevista, em que este, a partir do que ele previamente já definia como o que é ser uma mulher/menina, forçava Brenda a se identificar com as categorias e estereótipos por ele apresentados. Assim, eram impostos a Brenda, por uma heteronormatividade compulsória, discursos e práticas que tornassem evidente seu pertencimento às relações heteronormatizadas da sociedade à qual lhe diziam fazer parte. Vemos com isso a forma como através de um discurso, bem como de uma

visão de mundo, pode-se encerrar e restringir a realidade, operar e reforçar processos de identificação que são assimilados como naturais, delimitando suas possibilidades de identificação. Futuramente, David falou a respeito disto:

[...] I began to see how different I felt and was, from what I was supposed to be. But I didn't know what it meant. I thought I was a freak or something. . . . I looked at myself and said I don't like this type of clothing, I don't like the types of toys I was always being given, I like hanging around with the guys and climbing trees and stuff like that and girls don't like any of that stuff . I looked in the mirror and [saw] my shoulders [were] so wide, I mean there [was] nothing feminine about me. [I was] skinny, but other than that, nothing [...]²

Como consequência do modelo que lhe foi imposto, percebe-se que mesmo o discurso de David acaba por operar dentro do modelo binário de identificação de gênero e sexualidade. Por outro lado, a não-identificação de Brenda com o gênero que lhe foi atribuído acabou rompendo com as expectativas a seu respeito, mostrando que o caminho para se aproximar do gênero com o qual se identifica, acabou sendo traçado no sistema binário que padroniza as possibilidades de identificação, ou seja, é mostrado que David só pode ser Brenda, ou que Brenda só pode ser David. O que vemos, portanto, é a reprodução de um modelo, de práticas, de um discurso que não era necessariamente seu, mas sim, anterior, em um sentido de que pertence a uma sociedade na qual Brenda/David foi inserido e que “requer” que seus membros identifiquem-se com ele.

Normatizações ideológicas e biológicas

A realidade é permeada por um conjunto de ideias e “representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros” (FIORIN, 2007, p. 28), ambas associadas a determinado grupo ou classe e que através do discurso constituem sua visão de mundo; são as ideologias. O fato do discurso pertencer a uma “fala

² “Eu comecei a ver quão diferente eu me sentia e era, do que eu pensava ser. Mas eu não sabia o que isso significava. Eu achava que eu era uma aberração ou algo do tipo...Eu olhava para mim e dizia: eu não gosto das roupas, que não gosto dos brinquedos que me eram dados, eu gosto de curtir com os garotos, subir em árvores e coisas do tipo e garotas não gostam de nada do tipo. Eu olhava para o espelho e (via que) meus ombros (eram) tão largos, eu, quero dizer (não havia) nada feminino em mim. (Eu era) magrinho, mas nada além disso.(tradução minha).

anterior”, da classe à qual faço parte, o delimita pelas ideias assimiladas a esta classe, nada do que se diz é ideologicamente neutro e nenhuma fala pode também ser considerada individual. Para Fiorin, isso tem como consequência o fato do discurso ser antes um lugar de reprodução do que de criação (ibid, p.29).

Com isso, o discurso a que David se remetia para falar a respeito de sua identidade de gênero era o da ideologia dominante, aquele que havia sido reproduzida para ele desde criança. As possibilidades de identificar-se não poderiam ser outras neste caso senão as do modelo biológico e binário do qual parte a matriz heterossexual, tão vigente nos anos sessenta e mesmo hoje – de explicação para a sexualidade e gênero que normatiza os corpos de modo que seu gênero, sua sexualidade, suas práticas condigam com seu órgão sexual. Outro fato importante para compreendermos David é entender que mesmo o discurso de Money, acaba, ironicamente, reforçando uma ideia, que sem perceber, contradiz sua teoria de construção social da sexualidade. A categorização e os processos de identificação que tentou impor a Brenda dão manutenção a própria ideologia em que estavam inseridos, do binarismo: homem/mulher, regido pela “natureza”. Como este processo de identificação biológica, bem como exclusão social decorrente dele, se evidenciam no caso aqui tratado através do discurso? Através de um processo iniciado antes mesmo do primeiro contato de Money com a família Reimer, quando o médico disse: “ É um menino!”

Partindo da noção de performatividade, trazida por Silva (2013, p. 92), o suposto ato de fala do médico categorizou a criança, em um conjunto específico, associado a uma visão específica; fez seus pais pensarem em suas roupas, como seria sua relação com eles; estabeleceu paralelos que reforçam a identidade dele/a como um menino/homem e como é/deve ser visto na sociedade. As consequências para atos de fala como estes são, dentre muitos outros, processos de diferenciação trazidos nos questionamentos de Money para Brenda, na fala de David e seu sentimento de não-pertencimento que evidenciam também a repetição necessária para a manutenção de uma identidade. Contudo, inserida na “fronteira”, Brenda não pode simplesmente ser identificada como menina ou menino, ambos os termos parecem insuficientes para ela e dentro da visão de mundo em que estava inserida, não lhe foram dadas outras opções, o que futuramente a levou a dar manutenção ao próprio binarismo.

Conclusão

Certamente é arriscado tomar pequenos fatos mostrados por um documentário como verdade. A complexidade da vida de Brenda ou David não pode ser resumida nas pequenas falas que nos chegam como bem ressalta Butler (2006, p. 191). Tudo a que temos acesso são fragmentos linguísticos de quem ela/ele foi, não se aproximando muito de quem Brenda/David foi. Contudo, a tragicidade do caso³, bem como as poucas falas dela/e, nos chamam a atenção para a alarmante situação da realidade construída apenas com base em uma matriz de identificação que impõe um modelo binário, que operando por meio de diferenciações superficiais, mais do que reforça categorias, normatiza corpos bem como segrega e patologiza aqueles que não se identificam com modelo.

Referências bibliográficas

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

BUTLER, Judith. *Doing Justice to Someone*. Em: STRYKER, Susan e WHITTLE, Stephen (org). *The Transgender Studies Reader*. Nova Iorque, NY: Routledge, 2006.

³ Acrescenta-se aqui o suicídio de David Reimer em 2004, aos 38 anos.